

# RAGNAR JÓNASSON

A NOVA VOZ DO POLICIAL NÓRDICO 3 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

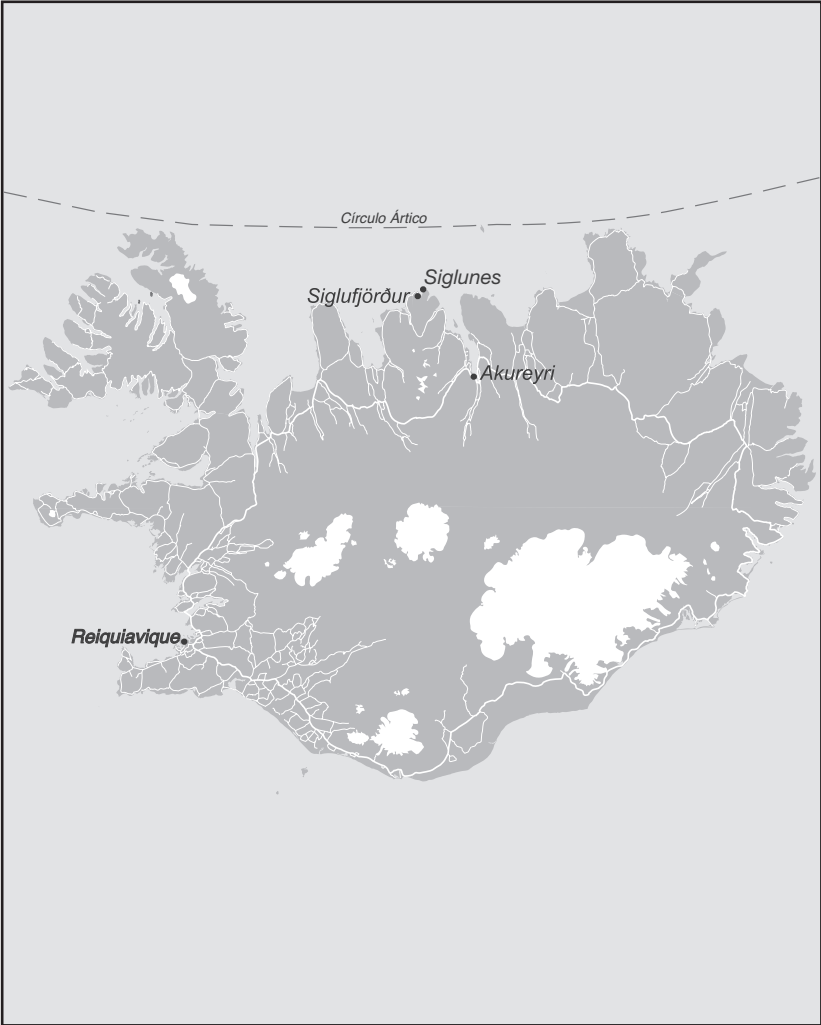
## TEMPESTADE



TOP  
SEL  
LER

«Será este, atualmente, o melhor escritor de policiais do mundo?»

*THE TIMES*



# SIGLUFJÖRÐUR



Residência artística

Café

Lar de Idosos

Casa de Ari Thór

Casa de Hersir e Rósa

Eyrargata

Grindargata

Casa de Salvör

Padaria

Casa de Bjarki

Aðalgata

Praça do Município

Esquadra

Hotel

## QUINTA-FEIRA SANTA

### 1

— **P**olícia. Fala o inspetor Ari Thór Arason.  
O operador da central de emergência foi direto ao assunto:

— Acabámos de receber uma chamada de Siglufjörður; o senhor é o oficial de serviço esta noite?

\*\*\*

No verão, a noite e o dia em Siglufjörður eram muito semelhantes, quando o Sol mal se punha. Era a época preferida de Ari Thór. Neste momento, distavam apenas dois meses até lá, e ele já ansiava pela sua chegada. Adorava a sensação de liberdade sem limites que lhe proporcionavam as longas horas de luz diurna.

Algo diametralmente oposto à escuridão e neve que envolviam a cidade no inverno.

O toque do telefone apanhara-o completamente desperto. Era-lhe impossível adormecer, por muito que tentasse. Continuava a utilizar o quarto de casal na sua casa na Eyrargata. O mesmo que partilhara com Kristín e Stefnir, antes de ela e o filho se terem mudado para a Suécia.

Embora a adaptação tivesse sido difícil aquando da sua transferência de Reiquiavique para ali, as tempestades e os dias sombrios já não lhe eram claustrofóbicos. Era muito raro sentir saudades. Nos anos mais recentes, Siglufjörður vivera as repercussões da nova onda de prosperidade que se espalhava pelo sul da Islândia após a crise financeira. Em cada verão, a pequena cidade enchia-se de turistas de todas as partes do mundo. No inverno, inclusivamente, havia até pessoas, oriundas de outros pontos da Islândia, na sua maior parte, que desfrutavam das pistas de esqui locais. A Páscoa passara a ser um período especialmente atrativo para os visitantes e, agora, com o fim de semana prolongado à porta, tudo levava a crer que as encostas iriam estar concorridas.

Ari Thór já ultrapassara a fasquia dos 30 anos e, no entanto, sentia que a sua vida regressara à estaca zero. Vivia sozinho e muito raramente via o seu filho. Não se imaginava com capacidade para salvar aquilo que restava da sua relação com Kristín. De certo modo, tinham esgotado todas as possibilidades.

Para dizer a verdade, ele tinha-se acomodado a uma rotina confortável e estava relutante em fazer alguma coisa que pudesse agitar as águas. Fora promovido a inspetor em Siglufjörður, cargo a que havia aspirado durante vários anos, sendo agora o responsável pela esquadra da polícia. Em algum momento, teria de avaliar se aquilo que conquistara o deixava satisfeito. Ao permanecer em Siglufjörður, Ari Thór sabia que lhe seria difícil ir mais além, caso quisesse continuar a avançar na sua carreira. Não se tratava apenas de ter atingido o escalão máximo numa esquadra de pequena cidade; o facto era que, mesmo que se esforçasse ao máximo, não havia qualquer figura de proa nas redondezas que pudesse certificar o seu bom desempenho.

Tómas, o seu antigo chefe, deixara Siglufjörður e partira em direção ao Sul para ocupar um cargo em Reiquiavique. Algum tempo antes, encorajara Ari Thór a seguir-lhe o exemplo, pedindo-lhe que

o avisasse quando estivesse disposto a fazer o mesmo, de modo a interceder em seu favor. Porém, Ari Thór não sabia se essa oferta se mantinha, depois de tantos dias passados desde que Tómas lhe falara sobre o assunto. Por outro lado, tinha plena consciência de que Tómas não ia para novo e que devia estar prestes a reformar-se. Ari Thór estava na iminência de perder o seu único defensor na sede da polícia em Reiquiavique. Assim que essa porta se fechasse, ficaria encalhado no Norte para sempre, quer gostasse, quer não.

A apreensão de Ari Thór relativamente ao seu futuro costumava assaltá-lo na calada da noite, e nesse dia não foi exceção. No entanto, ao nascer do Sol, conseguia desanuviar o pensamento, decidindo viver um dia de cada vez. A sensação de que os dias estavam a passar, contudo, permanecia. Em breve, teria de tomar uma decisão. Talvez decidisse que era ali mesmo, em Siglufjörður, que desejava estar. De qualquer modo, ainda precisava de ponderar sobre o assunto seriamente.

Contudo, durante o fim de semana da Páscoa, não haveria tempo para isso. Ari Thór ia estar demasiado ocupado a mimar o pequeno Stefnir. A ideia de voltar a estar com eles, mesmo que por poucos dias, já o trazia de coração alvoroçado. O filho completara 3 anos no Natal, porém, Ari Thór não estivera presente em nenhuma das festividades.

Seis meses antes, Kristín tomara a decisão de prosseguir a sua formação em Medicina numa universidade da Suécia. Ari Thór não levava a mal. A Islândia proporcionava uma formação excelente no quadro da Medicina Geral, não obstante, à semelhança de muitos outros médicos, Kristín queria ter uma especialidade, e o momento de deixar de adiar esse projeto e concretizar a sua ambição chegara finalmente, o que implicava ir estudar para o estrangeiro. Quando o propósito de Kristín se tornou claro, ela e Ari Thór discutiram o futuro de Stefnir à luz dessa mudança. Kristín sugerira que o menino a acompanhasse «nos primeiros

tempos»; mais tarde, poderiam analisar outras opções. Ela prometera que levaria Stefnir à Islândia no Natal e na Páscoa, e talvez outras vezes, e Ari Thór planeava tirar uns dias de férias no verão para estar com eles na Suécia. Apesar da terrível sensação de ansiedade que o invadia ao pensar nas raras vezes que poderia ver o filho, Ari Thór não tinha colocado objeções. Preferia evitar qualquer espécie de conflito com Kristín.

Ari Thór dava voltas na cama, tentando encontrar uma posição confortável. Aninhou o corpo de lado e inspirou profundamente, soltando depois o ar devagar. Precisava de dormir algumas horas. O dia seguinte — *não, hoje*, corrigiu-se —, quinta-feira, seria o seu último dia de serviço antes do grande fim de semana da Páscoa. Kristín e Stefnir chegavam nessa noite.

Eram quase 3 da manhã, e embora já tivessem passado mais de duas horas desde que se tinha deitado, mantinha-se completamente desperto.

Por fim, deu-se por derrotado e levantou-se.

*Que diabo!* Não podia dar-se ao luxo de passar a noite em branco, quando deveria estar em forma para desfrutar do fim de semana com o filho. Contudo, a ansiedade apenas funcionava como estímulo à insónia e, naquele momento, até a sensação de cansaço o abandonara.

O quarto tinha pouca mobília, à exceção de umas estantes repletas de livros velhos, que os antigos proprietários não se tinham dado ao trabalho de levar. Por vezes, Ari Thór folheava algum desses livros, sempre que tentava adormecer e precisava de se evadir dos seus pensamentos. Tirou um da prateleira, quase ao acaso, e voltou a apoiar a cabeça na almofada.

Por muito que tentasse, não conseguia livrar-se de uma inquieta sensação de apreensão relativamente ao fim de semana que se avizinhava. Era a primeira vez que deixava a esquadra nas mãos de Ögmundur, um jovem recruta que fora para o Norte,

para o seu primeiro destacamento. Aquilo que lhe faltava em experiência era largamente compensado pela ânsia em aprender.

Desde que ocupara o cargo de inspetor, Ari Thór tivera de se contentar com substitutos provisórios e agentes destacados de Ólafsfjörður ou Akureyri, contando sempre com uma pessoa diferente em cada caso. Recentemente, todavia, fora autorizado a contratar um agente para uma posição a tempo inteiro. Não tinha havido falta de candidatos para o cargo, alguns deles até vangloriando a sua grande experiência, todavia Ari Thór optara por contratar aquele jovem, recém-formado da academia de polícia.

Apesar da diferença de personalidades entre os dois, Ari Thór descobria em Ögmundur algo de si próprio, quando era mais jovem. Ele recordava-se de como Tómas o iniciara nos meandros do ofício nos primeiros tempos passados em Siglufjörður. Agora, as posições invertiam-se e cabia a Ari Thór, como agente experiente, pôr o jovem recruta à prova. Ainda assim, tinha de reconhecer que lhe exigira algum esforço estabelecer com Ögmundur o tipo de relação que Tómas criara com ele, mesmo que a diferença de idades entre os dois fosse menor.

Depois de tentar conciliar o sono através das páginas do livro durante o que lhe pareceu uma eternidade, Ari Thór desceu as instáveis e velhas escadas em direção à cozinha. Encheu um copo de água e foi debicando um bocado de peixe seco, enquanto passava os olhos pela edição do jornal da véspera. A tarefa era inglória: nada de novo. As notícias requentadas do costume. O único elemento a despertar-lhe a atenção era a previsão meteorológica. E essa não era muito auspiciosa. Esperavam-se grandes temporais a norte, logo após o fim de semana da Páscoa. Era isso o que os invernos tinham naquele sítio: mal se recuperava dos efeitos de uma tempestade de neve, era necessário estar a postos para enfrentar a seguinte.

Não podia mesmo dar-se ao luxo de passar a noite acordado; ser-lhe-ia impossível aguentar o dia seguinte.



Embora estivesse de serviço, na maior parte das vezes, as ruas da pequena cidade encontravam-se desertas durante a noite e a esquadra era um refúgio de paz. As únicas chamadas costumavam resumir-se a reclamações sobre bêbedos que faziam demasiado barulho no regresso a casa.

Ari Thór voltou a deitar-se. Continuava completamente desperto quando o telefone tocou.

— Um transeunte encontrou o que parece ser o corpo de uma mulher jovem caído na rua. Uma ambulância já vai a caminho, em caso de necessidade — informou o operador da central de emergência num tom neutro.

Ari Thór começou a vestir-se com toda a rapidez, pressionando o telefone contra o ouvido com o ombro.

— Onde?

— Na rua principal, na Aðalgata.

— Quem fez a chamada?

— O homem chama-se Gudjón Helgason. Disse que ficava no local até a polícia chegar.

Não reconheceu o nome.

Dois minutos depois, já completamente fardado, saía ao encontro da noite. Vivia logo ao virar da esquina da rua principal, pelo que chegaria lá a pé em minutos. Estava uma noite gélida e sem vento. As estrelas cintilavam no céu limpo. A natureza era sempre tumultuosa e descontrolada naquelas paragens, contudo, naquela altura do ano, havia nela algo não só mais obscuro, mas, de certa maneira, mais profundo e distante.

Ari Thór chegou ao local ao mesmo tempo que a ambulância. Ao virar em direção à Aðalgata, sentiu um calafrio a percorrer-lhe o corpo.

Na berma do passeio, uma mulher jovem jazia numa poça de sangue, e o corpo estava retorcido numa posição tão pouco natural que poucas dúvidas haveria de que ela tinha caído de

uma grande altura. Não era preciso um médico para concluir que estava morta. O sangue parecia provir inteiramente da sua cabeça; o crânio, fraturado, provavelmente.

Ao aproximar-se do corpo, Ari Thór constatou que a mulher era mais jovem do que lhe parecera de início. Era provável que não passasse de uma adolescente. Ao observar-lhe o rosto, sobressaltou-se.

*Caramba!*

A expressão da jovem era estranhamente ausente. Os seus olhos, muito abertos, vítreos, fitavam o vazio.

Ari Thór soube imediatamente que aquele olhar iria persegui-lo para sempre.

## 2

**D**eambular pelas ruas à noite não era algo invulgar para Ari Thór. No auge do verão ou no pino do inverno, havia algo de mágico na experiência de caminhar pelas ruas desertas, sem ninguém à volta. O manto de silêncio noturno envolvia a cidade numa atmosfera de imensa paz. Por breves momentos, sobreveio-lhe a sensação familiar de flutuar numa calma serena; mas rapidamente a gravidade da situação fez-se de novo sentir, destruindo qualquer espécie de quietude.

As poucas pessoas presentes pareciam aguardar as suas ordens, à exceção da médica do hospital, que já se tinha agachado junto ao corpo da jovem. Além da médica, Ari Thór via dois paramédicos e, atrás deles, um homem de 30 e poucos anos, de barba cerrada, envergando um blusão acolchoado e um gorro de lã; seria provavelmente Gudjón, o homem que ligara para o número de emergência.

Ari Thór estava como que paralisado. Agora, mais do que nunca, tinha a perceção do peso da responsabilidade sobre os seus ombros. Desde a promoção a inspetor, a vida em Siglufjörður seguira o seu habitual curso pacífico e, para seu grande alívio, não surgira qualquer crime de maior envergadura que ele tivesse de

resolver. Os dias chegavam e passavam com uma tranquilidade reconfortante; a polícia era chamada a lidar com nada mais sério do que participações ocasionais de uso de drogas, transgressões ao código da estrada ou ruído noturno. Agora, contudo, tratava-se de uma jovem encontrada morta na rua principal. Ari Thór voltou a fitá-la, antes de erguer o olhar para ver o que o rodeava.

O corpo jazia no pavimento, defronte a uma casa de dois andares, com lucernas no telhado que sugeriam a existência de um terceiro nível de área habitada no sótão. Parecia ainda existir uma varanda na zona do telhado. Logo à partida, a primeira impressão de Ari Thór era a de que a rapariga tinha caído daí, por mais arrepiante que fosse a ideia.

A médica levantou-se. Chamava-se Baldvina e vivia em Siglufjörður apenas desde o início de janeiro. Os médicos nunca permaneciam muito tempo na região. Nos anos mais recentes, a rotatividade no hospital era alta. Era comum que os médicos partissem para lugares mais aliciantes em regiões maiores, assim que a oportunidade surgia, ou dando continuidade à sua formação noutros países, conforme acontecera a Kristín. Baldvina era ligeiramente mais jovem do que Ari Thór. Nas poucas vezes em que o caminho dos dois se tinha cruzado, ficara com a impressão de que ela era uma pessoa competente.

— Bom, não há dúvidas de que está morta. Em resultado da queda, muito provavelmente — observou Baldvina, virando-se para olhar para o telhado da casa, e antecipando a pergunta de Ari Thór. — A minha suspeita é de que ela caiu daquela varanda. Mas isso é algo que cabe ao inspetor descobrir, naturalmente. Há problema em deslocarmos o corpo?

Ari Thór sentiu um aperto no estômago. Diante de si estava a primeira morte violenta que teria de investigar enquanto chefe da polícia. Sentia-se ansioso. Não queria cometer erros.

— Sim, mas deixe-me primeiro tirar algumas fotografias. E também é preciso deixarmos o local protegido para a perícia forense.

Ari Thór sabia que a equipa de peritos forenses iria demorar algum tempo a chegar a Siglufjörður. No entanto, não podia permitir que a pobre jovem ficasse ali, caída numa poça do seu próprio sangue, mais tempo do que o estritamente necessário. Era uma questão de respeito. Não queria deixar o corpo dela exposto, à vista de todos. Aquela era a principal artéria comercial da cidade, e o Sol não tardava a nascer. E Ari Thór receava igualmente que alguma ave noturna pudesse sentir-se atraída por aquela agitação pouco habitual, e fizesse alguma investida para averiguar o que se passava.

Recorreu ao telemóvel para tirar algumas fotografias da cena. A seguir, ligou para Ögmundur para lhe relatar a situação.

— Preciso que venhas ter comigo à Aðalgata o mais depressa possível — pediu-lhe.

— Sim? Claro... é para já — respondeu o jovem oficial, meio estremunhado, após um segundo de hesitação.

Ögmundur já demonstrara ter uma natureza otimista e estar disposto a abraçar qualquer desafio, embora, a bem da verdade, a sua carga de trabalho não tivesse sido particularmente exigente até ao momento. Não só o inverno tinha sido pouco fértil em acontecimentos, como Ari Thór poupava ainda o seu jovem recruta a alguns dos afazeres mais prosaicos do cargo, preferindo deixá-lo instalar-se ao seu próprio ritmo. No entanto, por algum motivo, Ögmundur já conseguira granjear mais amizades em Siglufjörður do que Ari Thór em todos os anos que lá vivera. O jovem principiante parecia conseguir conquistar a confiança das pessoas em pouco tempo, uma qualidade desejável naquele trabalho, obviamente. O facto de Ögmundur ter feito parte da seleção nacional de futebol da Islândia — na realidade, da seleção

de juniores, mas isso era irrelevante para Ari Thór — e gostar de desporto, um tema de conversa popular nas redondezas, facilitava os contactos com as pessoas.

Ari Thór colocou Ögmundur ao corrente do caso.

— Ela deve ter caído da varanda — acrescentou. — Ainda não sabemos se se trata de um acidente ou se foi, enfim... suicídio. É isso que vamos ter de apurar. E não há tempo a perder.

Depois de terem luz verde da parte de Ari Thór, os paramédicos colocaram o corpo da jovem numa maca e levaram-na para a ambulância, deixando no chão apenas uma macabra poça vermelha, a lembrança sinistra do que tinha acontecido. Sob o clarão de um candeeiro e rodeado pelas sombras da noite, o sangue quase parecia demasiado brilhante para ser real. Por segundos, Ari Thór teve a sensação de estar perante o cenário de uma peça de teatro.

Virou-se para o homem que se mantinha parado mais atrás, de cabeça baixa, praticamente imóvel.

— Boa noite. Deve ser o Gudjón.

O homem acenou debilmente com a cabeça, antes de murmurar um «sim».

— Sou o inspetor Ari Thór Arason. Consegue contar-me o que aconteceu? Foi o senhor quem chamou a polícia?

— Sim. Bom, fui eu que liguei para o número de emergência, mas não sabia o que havia de dizer, realmente. Não faço ideia do que aconteceu.

As palavras pareciam deixá-lo sem fôlego. O homem não parava de cofiar a barba e o seu olhar oscilava incessantemente de um lado para o outro, sem nunca se fixar no de Ari Thór.

Este ouvia-o e aguardava. Era demasiado cedo para lhe fazer outra pergunta. A experiência ensinara-lhe que as pessoas que estavam nervosas, como parecia ser o caso de Gudjón, tendiam a querer apenas preencher o silêncio.

— Eu... Bom, dei com ela naquele estado, ali estendida. Primeiro, pensei que ela tinha caído. Quero dizer, que tinha escorregado e caído. Aproximei-me dela e ia para a ajudar a levantar-se... foi quando me apercebi de que estava morta. Então, liguei para o número de emergência, logo a seguir.

— Tocou em alguma coisa? — inquiriu Ari Thór, após uma curta pausa.

— Eu... eu não me lembro. Talvez lhe tenha dado um pequeno abanão só para ter a certeza, no entanto, era mais do que evidente de que ela estava morta.

Ari Thór aquiesceu.

— Reparou se havia mais alguém nas redondezas?

— Não, não andava mais ninguém por aqui. Apenas eu. Foi um grande choque dar com ela ali caída. Acha que ela saltou?

— Ainda é cedo para o afirmar — retorquiu Ari Thór, prosseguindo com o seu questionário. — São agora 4 da manhã, pelo que o senhor deve ter passado aqui por volta das 3h30, certo?

— Sim, sim, exatamente.

— E porque fez isso?

— Saí apenas para dar um passeio, foi só isso.

— A meio da noite? — Ari Thór fez um ar cético.

— Gosto do frio. O céu está limpo, não há vento. Só ar fresco do mar para encher os pulmões. É um prazer vaguear pelas ruas com este tempo.

Ari Thór não estava convencido, embora, para ser justo, também ele se tivesse habituado a dar um passeio pela cidade a seguir ao anoitecer; não que o quisesse admitir a Gudjón. Havia qualquer coisa no silêncio que se instalava naquelas ruas na calada da noite. Aquele maldito e elusivo silêncio.

— De dia e de noite? — perguntou ele.

— Prefiro caminhar à noite. É mais tranquilo. Mais reconfortante para a alma.

— Vive em Siglufjörður, Gudjón?

O homem hesitou.

— Neste momento, sim. Vou ficar três meses aqui, em residência artística.

— E onde está alojado?

— No alojamento da residência, não muito longe daqui, na zona do porto, mesmo no limite da cidade.

— E está cá há quanto tempo?

— Desde janeiro — respondeu Gudjón. Parecia desconfortável. Talvez começasse a sentir o gelo da noite.

— Estou a ver — replicou Ari Thór, fazendo uma pausa intencional. — Qual é a sua área?

— Como assim?

— Qual é a sua área artística? — precisou Ari Thór. — Pintura ou música, por exemplo?

— Pintura. Sim, pintura. Bom, pinto e desenho. Talvez já tenha visto os meus cartazes a anunciar a exposição. Paisagens de Siglufjörður. As obras estão à venda.

— Conhece-a?

— Quem?

— A mulher morta.

Gudjón estremeceu.

— Como?! Não, é claro que não. Não faço ideia de quem é... era. Porque é que havia de a conhecer? Não sou daqui.

— O que o leva a ter a certeza de que ela era daqui?

— Eu... Como é que eu hei de saber isso? Não compreendo o que está a insinuar. Limitei-me a chamar a polícia. Nunca a tinha visto antes.

— Tem de reconhecer, Gudjón, que é um pouco estranho andar a deambular pelas ruas a meio da noite.

— Eu sou um artista, por amor de Deus! — insurgiu-se o homem, como se a palavra pudesse justificar toda a espécie



de pecados e bizarras. A respiração saía-lhe aos solavancos, enquanto ele se esforçava por conjugar as palavras. — Olhe, saio à noite para me inspirar, e depois volto para casa e faço as minhas criações. Durmo durante o dia. O inspetor é bem-vindo... se quiser acompanhar-me para ver o meu trabalho. Assim pode constatar que não estou a mentir-lhe.

— Para já, isso não vai ser necessário, mas tenho a certeza de que voltarei a contactá-lo quando a investigação avançar — referiu Ari Thór. — No entanto, gostaria de lhe pedir que passasse pela esquadra ainda hoje, para recolhermos o seu depoimento formal.

A relutância de Gudjón era visível.

— Isso é mesmo necessário? Não tenho nada a esconder, mas, com toda a franqueza, não tenho vontade absolutamente nenhuma de ser interrogado pela polícia mais do que já fui. — Ainda a lutar para recuperar o fôlego, acrescentou: — A única... a única coisa que fiz foi cumprir o meu dever cívico, quando peguei no telefone para lhes ligar, entende?

— Repare, uma mulher jovem, talvez ainda uma adolescente, morreu, e o senhor descobriu o corpo. Temos de recolher o seu depoimento para efeitos do inquérito. Não existe qualquer motivo que nos leve a concluir que pode estar envolvido na morte dela, de alguma forma. — Ari Thór estava reticente em suavizar demasiado as suas palavras; as explicações de Gudjón ainda não o deixavam inteiramente satisfeito.

— Bom, espero sinceramente que não vá acusar um transeunte inocente de um crime!

\*\*\*

Gudjón continuava a tentar controlar a respiração quando Ögmundur surgiu na esquina da Aðalgata ao volante do seu pequeno *Mazda* vermelho, um velho descapotável desportivo que

ainda causava sensação. Um carro rebaixado como aquele não era o mais prático para a neve, no entanto, depois de alguns dias com temperaturas e chuvas suaves, características da época, as ruas estavam limpas. Ögmundur estacionou o carro do outro lado da rua e acorreu ao encontro de Ari Thór e Gudjón.

— Desculpa ter demorado, mas vim o mais depressa que consegui. Achas que ela se atirou?

O seu olhar dirigiu-se rapidamente à poça de sangue e depois à varanda no telhado.

— Tudo bem, Ögmundur, obrigado — agradeceu Ari Thór. — Este é o Gudjón Helgason. Ele estava a dar um passeio noturno quando deu de caras com o corpo. Já lhe pedi que passe pela esquadra mais tarde. Quando isso acontecer, Ögmundur, podes recolher o depoimento dele?

— É claro que sim, eu trato disso.

Ögmundur sorriu e estendeu a mão ao homem.

— Viva, Gudjón. Prazer em conhecê-lo. Chamo-me Ögmundur. Sou agente de polícia da cidade.

— Para já, é tudo. Está autorizado a seguir o seu caminho. Agradeço-lhe a colaboração. — Ari Thór dispensou Gudjón com um aceno de cabeça brusco.

O tom informal de Ögmundur quando este se dirigia a elementos do público era algo que mexia com os nervos de Ari Thór, embora tivesse de reconhecer que isso muitas vezes ajudava a fazê-los soltar a língua.

— Espero que desfrute do resto do passeio — acrescentou ele, por entre dentes.

Arrastado para fora da sua cama a meio da noite, depois de sofrer com as insónias, Ari Thór esforçava-se para fazer uma expressão tão animada quanto a do jovem recruta.

### 3

— **F**ica aqui — indicou Ari Thór. — Preciso que fales com os serviços forenses e protejas o local até eles chegarem, OK?

Ögmundur assentiu, com ar indiferente.

— Se é isso que queres... embora não veja nenhuma justificação para isso, Ari Thór. Conforme podes ver, não existe mais nada no chão além do sangue. Era melhor eu ir ao interior do prédio para impedir que alguém acesse a varanda.

Ari Thór manteve-se firme.

— Limita-te a vigiar a entrada, está bem? — ordenou ele. — Vou entrar e dar uma olhadela ao prédio.

A porta da frente estava trancada. A julgar pelo número de campainhas, a antiga casa tinha sido convertida em dois apartamentos, um por cada piso.

Ögmundur espreitou por cima do ombro de Ari Thór.

— Conhecês as pessoas que vivem aqui?

— Não — respondeu Ari Thór, abanando a cabeça. Os nomes nas campainhas apenas esclareciam que os ocupantes do apartamento do rés do chão se chamavam Jónína e Jóhann, e que um homem com o nome de Bjarki vivia no piso superior.

Ari Thór experimentou tocar à campainha do apartamento no piso inferior. Não precisou de esperar muito até a porta se abrir com um estalido. No átrio de entrada, junto ao fundo das escadas, estava um homem idoso de pijama, que parecia perfeitamente desperto.

— A minha mulher e eu estávamos a contar que viesse aqui. Nós estivemos a assistir a tudo — revelou ele, com uma leve hesitação. Era óbvio que os dois tinham estado na penumbra, já que Ari Thór não vislumbrara qualquer luz nas janelas. — Então, inspetor, o que aconteceu? Quem era a pessoa caída no chão? Ela está morta?

— Posso entrar por um momento? — pediu Ari Thór.

— Ah, sim, com certeza — respondeu o homem, estendendo-lhe uma mão mole e húmida. — Chamo-me Jóhann.

Ari Thór tinha um mau pressentimento. Havia algo de errado. Seguiu o homem para o interior do apartamento sombrio e avistou o vulto de uma mulher na sala de estar, sentada num sofá junto a uma janela com vista para a rua. Era Jónína, presumivelmente. Ela não proferiu uma palavra enquanto ele se aproximava.

Ari Thór assumiu as despesas da conversa.

— Peço desculpa por ter de os incomodar a esta hora. Uma jovem morreu aqui na rua, esta noite. Por acaso, repararam em alguma coisa?

— Não demos por nada — respondeu Jóhann num tom categórico. — Quem era ela?

— Ainda não sei. Têm alguma ideia de quem possa ser? Havia uma mulher jovem ou uma adolescente a viver no prédio?

— Não, não, há apenas o Bjarki, que vive no andar de cima, embora... por vezes, ele arrende o apartamento a estrangeiros através... Oh, céus, Jónína, diz-me outra vez como se chama aquilo...

A mulher dele mantinha os lábios cerrados. A idade de ambos parecia ir muito além dos 70 anos. Ari Thór desejava agora poder

contar com a memória de Tómas. O seu antigo chefe conhecia cada um dos habitantes da cidade, o sítio onde trabalhavam e todos os laços que os uniam.

— Sabem se ele está em casa?

O casal trocou um olhar.

— Acho que não — afirmou Jóhann. — Ele nunca fica aqui muito tempo. Costuma passar grandes temporadas em Reiquiavique. Mas é oriundo daqui. Já não o vejo há um ou dois dias.

Por fim, Jónína decidiu falar.

— Não, ele não está em casa. — O tom era sereno, mas convicto. — Eu ter-me-ia cruzado com ele ou, pelos menos, tinha-o ouvido, se ele estivesse cá.

— Tu não dás por tudo, querida. Nós não podemos ver sempre quem entra e sai no prédio, pois não?

A observação parecia forçada, como se Jóhann tentasse enviar uma mensagem à mulher. Ao espreitar pela janela, Ari Thór concluiu ser pouco provável avistar-se dali quem tocava à campainha.

— Quando dizem que o Bjarki é oriundo daqui, referem-se a ele ou à família?

— A ele. Ele é um filho de Siglufjördur — precisou Jónína. — Eu lembro-me do pai dele. O Bjarki nasceu na cidade e, mais tarde, a família mudou-se, como tantas outras. Assim que o arenque desapareceu, não havia muito mais a fazer aqui.

— Neste momento, as pessoas estão a voltar e a dar um novo fôlego à cidade — acrescentou Jóhann.

— Nós nunca saímos daqui, claro — declarou Jónína, cruzando os braços à frente do peito, com o sobrolho carregado, dando a entender que a conversa tinha acabado.

— Como se acede à varanda? — indagou Ari Thór.

— À varanda? Mas porque quer ir lá? — Jóhann reagiu como se se esquecesse do motivo que levara a polícia ali; contudo, pareceu estabelecer a ligação de seguida. — Ah, sim, claro.

Eu acompanho-o. Há uma porta no sótão que dá para o telhado. Nos velhos tempos, era mais utilizado do que agora. Os avós do Bjarki viviam nesta casa. Mas foi convertida em apartamentos e nós comprámos o do rés do chão. Queríamos arranjar uma casa mais pequena, compreende? Antes de nos mudarmos para aqui, vivíamos numa moradia um pouco afastada da cidade, mas dava muito trabalho mantê-la em condições. Seja como for, o sótão foi adaptado para funcionar como uma zona comum aos dois apartamentos, funcionando mais como um sítio de arrumações do que uma zona de estar. Lá em cima faz demasiado frio para se ficar por lá muito tempo. E nós nunca vamos à varanda. A Jónína tem dificuldade em subir as escadas. E também duvido que o Bjarki passe lá muito tempo. Ele está sempre com a cabeça enfiada nos livros. É bom rapaz — acrescentou Jóhann, com um sorriso.

Uma vez mais, Ari Thór tinha a sensação de que qualquer coisa não batia certo na forma como o homem falava. Parecia-lhe que Jóhann estava nervoso e que tentava disfarçá-lo com aquela loquacidade exagerada.

Jóhann conduziu-o de novo à entrada do prédio, fazendo-lhe sinal para Ari Thór o seguir, e iniciando a subida dos degraus a passo de caracol. Havia, indubitavelmente, um encanto antiquado naquelas escadas a ranger. Os degraus em madeira já desgastada tinham um tom levemente mais claro do que o do corrimão, o qual parecia ter dado boa conta do recado ao longo da sua existência. A decorar a parede, havia um papel em azul-pálido.

Ao chegar ao patamar, Jóhann fez uma pausa momentânea a recuperar o fôlego, e apontou para uma porta.

— É aqui que vive o historiador.

— O Bjarki? Ele é historiador?

— Ele está a fazer uma pesquisa para a Câmara Municipal acerca dos habitantes de Siglufjörður que emigraram para a América do Norte. A Câmara deve ter bastante dinheiro para

gastar, para investir num projeto como esse. A economia deve estar em alta neste momento, suponho eu, com todos estes trabalhos na estrada, os turistas e tudo o mais — resmoneou Jóhann, enquanto tentava recobrar as forças para atacar o próximo lanço de escadas.

— Desconhecia que tivesse havido locais a participar na onda de emigração — confessou Ari Thór.

— Ao que parece, cerca de 15 mil islandeses oriundos de todo o país rumaram para lá no virar do século, com um número razoável de habitantes desta zona a chegarem ao Canadá... julgo que à província de Manitoba, de acordo com o que o Bjarki me contou. Eu não sou exatamente um rato de biblioteca, no entanto, este é um tema de pesquisa interessante, não lhe parece? Muito bem, aqui vamos nós.

Os dois prosseguiram a subida pelo lanço de escadas a seguir, o qual terminava abruptamente junto a uma porta fechada, sem um patamar.

— Espere, deixe-me ser eu a abri-la — interveio Ari Thór, decidido a evitar que alguém sem umas luvas calçadas pudesse contaminar inadvertidamente quaisquer impressões digitais que estivessem na maçaneta da porta. — Não está trancada, pois não?

— Não, nunca fica trancada.

Ari Thór empurrou levemente a porta para a abrir e entrou na zona do sótão devagar. À primeira vista, nada parecia estar especificamente fora do sítio. No entanto, ali em cima, a temperatura era acentuadamente mais baixa e ele não tardou a descobrir a razão: a porta de acesso à varanda estava entreaberta.

— Espere aqui, Jóhann, e não toque em nada — pediu ele com autoridade.

A análise ao sótão não revelou nada de suspeito. Os vestígios de luta eram inexistentes, embora a porta entreaberta sugerisse que alguém lá tinha estado recentemente. Com passos cautelosos,

foi ao encontro da madrugada no exterior, inspirando uma golfa do ar gélido do mar. A vista do telhado era, de facto, impressionante. Ari Thór não conseguia desviar o olhar extasiado do cenário montanhoso que emoldurava a cidade e o fiorde aos seus pés.

Do mesmo modo, não detetou nada de suspeito na varanda. Os dias de chuva recentes e as temperaturas anormalmente suaves tinham ajudado a derreter a neve que se acumularia ali em condições normais, pelo que não se vislumbravam pegadas que indicassem a presença da jovem naquele ponto.

Ari Thór regressou ao interior, encontrando Jóhann ao cimo das escadas, precisamente onde o havia deixado.

— Esta zona vai ter de ficar vedada — indicou ele. — O agente que está lá em baixo encarrega-se disso. Não deixe ninguém entrar no prédio, está bem?

O ancião assentiu com a cabeça.

— O prédio tem alguma porta nas traseiras? — inquiriu Ari Thór.

— Sim — admitiu Jóhann, parecendo cada vez mais desconfortável. — Bom, dá acesso ao apartamento do Bjarki. É provável que esteja trancada.

— Mas é possível aceder à varanda a partir de lá, não é?

— Não, a não ser... a não ser que se passe pelo apartamento dele e se venha por este caminho, claro.

— Com licença — proferiu Ari Thór com impaciência, passando rapidamente ao lado de Jóhann e descendo as escadas até ao patamar mais abaixo. Bateu à porta de Bjarki.

Não obteve resposta.

— Julgo que ele não está em casa — afirmou Jóhann.

Ari Thór acompanhou o homem até ao rés do chão, sem acrescentar palavra.

Jónína estava no limiar da porta, à espera dos dois.



**Arrepiante, claustrofóbico e perturbador,  
Tempestade reafirma Ragnar Jónasson como um dos mais  
entusiasmantes e respeitados escritores de policiais da atualidade.**

Prestes a chegar o fim de semana de Páscoa, Siglufjörður, a cidade mais a norte da Islândia, é invadida por turistas, desejosos de experimentarem as majestosas pistas de esqui. Três dias antes da festividade, contudo, uma jovem de 19 anos cai de uma varanda, na rua principal, tendo morte imediata. No seu diário, porém, uma das entradas dá a entender que poderá não se ter tratado de um acidente. E quando um residente de uma casa de repouso da cidade escreve «Ela foi assassinada» vezes sem conta nas paredes do seu quarto, os contornos deste caso ganham proporções profundamente sinistras.

Ari Thór, inspetor da polícia, a braços com vários problemas na vida familiar, terá de recorrer a todas as suas forças para lidar com um terrível enigma que, peça a peça, parece revelar uma verdade brutal e implacável...

«Extraordinário.»

**PUBLISHERS WEEKLY**

«Cativante.»

**FOREWORD REVIEWS**

**CONHEÇA OS OUTROS LIVROS DO AUTOR:**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Policial



penguinlivros.pt



topseller.editora

ISBN 9789896236793



9 789896 236793 >